



**GOMES, Marcos Cardoso. (2016).
A Ironia Trágica em Heródoto.
Com prefácio de Jaa Torrano. 1ª
ed. Curitiba: Editora Prismas, 325
p.**

**Vítor Medeiros Costa¹
Universidade Federal de Santa Catarina**

Doutor em História Social e mestre em Letras Clássicas, ambos pela USP, Marcos Cardoso Gomes, após traduzir e comentar a *Poética* de Aristóteles juntamente com o Prof. Dr. Henrique Murachco, publica *A Ironia Trágica em Heródoto* buscando levar a sério o que já vários — como Margalit Finkelberg e A. French respectivamente nos artigos “Sophocles Tr. 634-639 and Herodotus” de 1995 e “Topical Influences on Herodotus’ Narrative” de 1972 dentre outros autores — já haviam percebido a lerem o trabalho de Heródoto: há numerosos relatos nas *Histórias* dignos de uma Tragédia (gênero literário).

¹ Mestrando em Filosofia.

Além disso, as suspeitas aumentam ao perceber uma implicação de influência no sentido contrário, a saber, da obra de Heródoto nas obras trágicas, particularmente na produção de Sófocles. Isso é notável já pelos fragmentos (*vide* M. L. West. *Iambi et elegi Graeci*, vol. II, 166, frag. 5) que nos restaram de um dos poemas desse tragediógrafo, o qual é dedicado ao seu amigo Heródoto. Ademais, como já mostrou Sir Richard Jebb — em *Sophocles: The Plays and Fragments, with critical notes, commentary, and translation in English prose. Part III: The Antigone* (1900) —, parte da *Antígona* foi muito provavelmente uma apropriação de um trecho do Livro III das *Histórias*.

Com efeito, Marcos Gomes vem preencher uma lacuna tanto na bibliografia nacional quanto internacional a respeito de um tema intuitivamente reconhecível, mas que ainda carecia de um trabalho de fôlego. A sua hipótese de pesquisa parte de que, se não podemos atribuir uma influência material direta de Sófocles em Heródoto, ao menos podemos atribuir uma influência comum a ambos dentro do contexto cultural de Atenas, onde Heródoto também viveu parte de sua vida e Sófocles encontra-se notoriamente incluído. Marcos Gomes considera esse cenário cultural uma

espécie de “renascimento do pensamento mítico” (p. 9), em decorrência de utilizar a tradição mítica para repensar os problemas da *Pólis* e também os problemas jurídicos e filosóficos. Nesse ínterim, Marcos Gomes percebe que muitos conceitos teorizados na *Poética* de Aristóteles, como reconhecimento/*anagnórisis*, desmedida/*húbris*, peripécia/*peripéteia* e outros são aplicáveis não só às Tragédias, mas também a vários momentos das *Histórias*. Outrossim, o autor percebe ainda que há, na estrutura da etiologia narrativa de Heródoto — tanto em seu conteúdo quanto na forma com a qual o historiador o expõe e opina —, tal como identificada no clássico de H. R. Immerwahr (*Ergon: History as a Monument*, 1960) uma proximidade com a ideia trágica de instabilidade da prosperidade humana; ambas (etiologia e instabilidade históricas) por se relacionarem com o ambíguo conceito de ‘acaso/destino/sorte’ (*túkhē*) ligado tanto à deliberação humana quanto à divina e, por vezes, algo que parece estar além da força de ambos.

Marcos Gomes, assim, busca primeiramente introduzir as relações acima ao sugerir que Heródoto emprega-as “ironicamente”, entendido no seguinte primário do termo em grego antigo:

De acordo com o Lidell-Scott, εἰρωνεία (ironia) significa, numa primeira acepção, “dissimulação, isto é, ignorância simulada intencionalmente para provocar ou confundir o antagonista, um modo de argumentação usado por Sócrates contra os sofistas”. Ironia deriva de εἶπω, (dizer), palavra de etimologia incerta. (p. 19)

Nessa perspectiva, Marcos Gomes expõe primeiramente os paralelos trágicos possíveis no proêmio do Livro I das *Histórias* de Heródoto, em especial no tocante à etiologia, onde comenta a relação entre: vingança, cronologia e causalidade (pp. 25-30); depois, o princípio jurídico e diplomático colocado nas *Histórias* (pp. 30-33) na fórmula explicativa δίκας αἰτεῖν e δίκας δίδόναι, “pedir justiça/reparação” e “dar reparação” (vide p. 30); e, por fim, o princípio epistemológico da autópsia (pp. 33-35), sobre o qual já há uma vasta bibliografia em Heródoto, mas ainda destaca-se *Le miroir d'Hérodote* (1980) de François Hartog.

Dadas essas considerações, o autor passa propriamente às análises de caso desde o capítulo segundo até o décimo primeiro na seguinte ordem de temas: Cresus (cap. 2); Ciro (cap. 3); Cambises (cap. 4); Dario (cap. 5); Xerxes (cap. 6); Mardônio (cap. 7); Os Gregos — Atenas e Esparta — (cap. 8); Os Tiranos — Cípselo, Periandro e

Polícrates —(cap. 9); Os Reis Espartanos — Cleômenes, Dorieu e Demarato — (cap. 10); Atenas (cap. 11); e Temístocles (cap. 12). Vale destacar que tal abrangência numa mesma obra das análises comparadas entre si das personagens singulares ou coletivas de diferentes livros de Heródoto possui poucos paralelos na bibliografia internacional e nenhuma na literatura nacional. Além disso, nas Considerações Finais, o autor ainda explana sobre o ardil feminino presente nas *Histórias* e também, em outros momentos, inversamente seu “combate leal” (p. 300) em oposição à tática ardilosa advinda do homem. E depois, não obstante reconhecer que “[o] padrão trágico de *Histórias* está diretamente ligado à figura do soberano despótico, mas não necessariamente, à figura do herói trágico” (p. 301) — e aqui entende-se as possibilidades de “herói trágico” dadas por Aristóteles (*Poética*, XIII, 1453^a) —, Marcos Gomes afirma que “num rápido exame, poderia ser adequado a Creso, Ciro e a Polícrates. [...] Antecipando os outros relatos, a narrativa de Creso contém um conjunto de motivos essenciais presentes em *Histórias*” (pp. 301-302). Por conseguinte, o autor propõe a seguinte classificação (p. 302):

1. O soberano é um ὑβριστής, um transgressor por excelência;

2. Seu comportamento obedece a um ciclo de ascensão e queda;

3. O papel disciplinador da divindade.

Concluindo que “[a] avidez incontrolada do monarca é o grande motor da história. O segundo é que a atividade do historiador padece de um tipo de avidez semelhante, a de tomar posse de um bem, pelo conhecimento” (p. 316).

Por um lado, a despeito da hipótese de pesquisa sugerir um paralelo de Heródoto com seu contexto cultural propício às características trágicas, o ponto fraco do livro de Marcos Gomes é certamente a carência de elementos contextuais que fortaleçam essa hipótese. Por outro lado, uma vez assumida a hipótese, que é razoavelmente persuasível a quem trabalha com a Atenas dos séculos VI-IV a. C., o autor traça paralelos pertinentes com a *Ilíada* de Homero e também peças trágicas, como *Antígona* e *Édipo Rei*, compreendendo as influências literárias diretas de Heródoto. Além disso, embora não seja absolutamente rigorosa linguisticamente nas análises de caso nem seja exaustivo com os comentários à obra de Heródoto, Marcos Gomes dialoga com os principais estudiosos clássicos das

Histórias, como David Asheri, Legrand, Powell e outros.

Desse modo, o livro surge já como uma leitura indispensável para os interessados pelos traços trágicos na obra seminal do pai da História, bem como para quem procura pensar os conceitos da *Poética* de Aristóteles para outras narrativas. Depois, de modo mais geral, também é uma ótima recomendação para aqueles que buscam compreender a historiografia e a Tragédia antigas em problemas que as perpassam no tratamento das ações/*pragmátōn* humanas (HERÓDOTO. *Histórias*, I, 1; ARISTÓTELES. *Poética*, §6,1450^a16-17).